

CIRCA 1963

CONVERSAS COM ARQUITECTOS E CINEASTAS



CIRCA 1963

CONVERSAS COM ARQUITECTOS E CINEASTAS

Coordenado por Luis Urbano

INTRODUÇÃO	7
MANOEL DE OLIVEIRA	13
FERNANDO LOPES	19
NUNO PORTAS	33
SERGIO FERNANDEZ	57
MANUEL VICENTE	69
ALFREDO MATOS FERREIRA	85
FERNANDO MATOS SILVA	89
ANTÓNIO DE MACEDO	105
RAUL HESTNES FERREIRA	123
ANTÓNIO-PEDRO VASCONCELOS	135
ALBERTO SEIXAS SANTOS	147
JOSÉ FONSECA E COSTA	157
NUNO PORTAS E NUNO TEOTÓNIO PEREIRA	171

ALEXANDRE ALVES COSTA	183
ÁLVARO SIZA	199
ANTÓNIO DA CUNHA TELLES	211
Biografias	233
Fontes e créditos das imagens	238
Ficha técnica	239







INTRODUÇÃO

As conversas com arquitectos e cineastas reunidas neste livro ocorreram entre 2011 e 2014, no âmbito de uma investigação sobre as intersecções entre a arquitectura e o cinema em Portugal.¹ Nelas são abordados os percursos pessoais, académicos e profissionais de alguns dos principais protagonistas de uma renovação profunda na cultura portuguesa, mas também muitas das questões que marcaram a vida do país entre o final dos anos cinquenta e a Revolução de Abril de 1974. Para além das relações pessoais que estabeleceram entre si, estes autores partilharam um percurso subversivo de redefinição das suas disciplinas, num período e num contexto fortemente marcado por múltiplas rupturas, algumas silenciosas, outras particularmente visíveis. Os arquitectos e os cineastas confrontaram-se com um passado que era urgente ultrapassar, tanto o da herança hegemónica da arquitectura moderna e do cinema de estúdio, como o da tradição de pendor nacionalista que impunha valores onde já nem a sociedade, e muito menos os próprios, se reconheciam. Constrangidos por esse passado recente com que não se identificavam e por um futuro que não oferecia redenção, reinventaram as duas artes na relação com o presente e no confronto com o real, não abdicando, no entanto, da sua artisticidade.

O exercício de situar a renovação na arquitectura e no cinema portugueses no contexto mais geral das alterações que se registaram a nível internacional revela, desde logo, algumas singularidades. Sendo verdade que a prática e a teoria ligadas ao trabalho dos arquitectos e dos cineastas não podem ser separadas da conjuntura de transformações que abalou o mundo no pós-Segunda Guerra, é também um facto que as especificidades do contexto social e político português conferem à dinâmica da *nova* arquitectura e do *novo* cinema uma lógica própria em que a experimentação e a simbologia adquirem contornos peculiares. A emergência dos movimentos de renovação na década de sessenta em Portugal é inseparável de um quadro de circunstâncias que não se repetia na maior parte dos países onde foram gerados movimentos semelhantes. De forma sintética, podem identificar-se três dessas circunstâncias: o repressivo sistema político do Estado Novo, com a castradora actividade da Censura e uma intenção de instituir uma arquitectura e um cinema populares que, em finais da década de cinquenta, se revelaram inviáveis; uma sociedade ainda fortemente rural, embora em mutação acelerada, em que a dicotomia cidade/campo era fonte das mais diversas clivagens no quotidiano e no imaginário individual e colectivo; e um modelo de organização ideológica, social e familiar que começava a ser posto em causa pela perturbação crescente das alterações nos costumes, da Guerra Colonial e de um vasto movimento de migração para as cidades ou de emigração para uma Europa em franco desenvolvimento. Talvez se possa dizer que as rupturas na arquitectura e no cinema foram a expressão dessa conjuntura, mas também a mágoa utópica de um tempo outro que o tecido social e político anunciava, mas ao mesmo tempo recusava.²

Apesar das particularidades do contexto português, de que herdaram práticas esgotadas, arquitectos e cineastas não deixaram de ser fortemente influenciados pelos movimentos internacionais, tendo assistido *in loco* às profundas alterações que marcaram este período. No campo da arquitectura são referidas nas conversas agora publicadas as frequentes viagens a Paris de quase todos os

1 O estudo foi realizado no projecto de investigação *Ruptura Silenciosa. Intersecções entre a Arquitectura e o Cinema. Portugal 1960-1974* (FAUP, 2010-2013) e na tese de doutoramento *Entre Dois Mundos. Arquitectura e Cinema em Portugal, 1959-1974* (Luis Urbano, FAUP, 2015). A entrevista a Manoel de Oliveira foi efectuada em 1997, no âmbito da Prova Final de Licenciatura *Arquitectura e Cinema. Da Câmara Escura a Celebration 34747* (Luis Urbano, DARQ-FACTUC, 1998).

2 Adaptado de Lopes, João - *Cinema novo em tom português*, Curso livre “Nova Vaga. Memórias e heranças”, Museu de Serralves, 2012, não-publicado.

autores, mas também as viagens de Fernando Távora aos CIAM, aos Estados Unidos da América e ao Japão; a estadia de Sergio Fernandez em Londres, de Manuel Vicente em Goa e Macau e a de Raul Hestnes na Escandinávia; o facto dos dois últimos terem trabalhado com Louis Kahn em Filadélfia; ou ainda as expedições de Nuno Portas e Nuno Teotónio Pereira a Itália e ao norte da Europa, onde estudaram directamente a arquitectura religiosa e habitacional. Também os cineastas passaram pelos centros europeus onde se renovava a linguagem cinematográfica. António da Cunha Telles estudou em Paris, onde conheceu Paulo Rocha, e onde mais tarde estiveram também António-Pedro Vasconcelos ou Alberto Seixas Santos, todos acompanhando de perto a *Nouvelle Vague* e a frenética actividade da Cinemateca Francesa, dirigida por Henri Langlois. Fernando Lopes e Fernando Matos Silva estudaram em Londres, por onde passou fugazmente João César Monteiro, assistindo ao nascimento do *free cinema*, e José Fonseca e Costa estagiou em Itália com Michelangelo Antonioni.

A palavra *novo* - adjectivando a necessidade e vontade de correr riscos, de renovar gerações e modos de fazer, de protagonizar cortes - foi frequentemente utilizada neste período, marcado por uma crença na mudança e um optimismo económico e social ainda longe da crise generalizada que se instalaria nos anos finais do regime. A geração em destaque neste livro começou frágil - nos meios, nas condições técnicas, nas equipas pouco experientes - mas estava ainda impregnada da forte convicção de quem queria começar de novo. Foi a partir desse desejo de contrapor à fachada falsa construída pela propaganda do regime o conhecimento do verdadeiro estado do país que, na arquitectura e no cinema, se procurou uma nova relação com o real, não apenas como modo de ultrapassar o impasse instalado, mas também enquanto forma de comprometimento político. E essa ligação ao real não só se estabeleceu na abordagem aos problemas concretos de uma população urbana, como foi procurada no lugar onde se acreditava estar a autenticidade, o paupérrimo mundo rural onde arquitectos e cineastas encontraram modos de vida, formas de organização social e técnicas artesanais de que retiraram, não tanto influências directas, mas antes importantes significados políticos e simbólicos. O pragmatismo, o senso construtivo e a diversidade que os arquitectos descobriram nos trabalhos de levantamento da arquitectura popular, no final dos anos cinquenta, libertaram-nos quer das amarras nacionalistas quer dos novos dogmas racionalistas. Apercebendo-se, no entanto, de que essa era uma via demasiado estreita, cedo retomaram, ainda que criticamente, um caminho de continuidade com a história da arquitectura, não deixando de explorar intensamente a artisticidade e a invenção através de programas de pequena ou média dimensão, quase sempre de encomenda privada, adequando as suas propostas a pequenos orçamentos, à mão de obra local e aos materiais disponíveis. De igual forma, o entendimento mitificado e paternalista do mundo rural em redor de histórias de lavadeiras e campinos, a que nos habituara o cinema do passado, alterou-se inelutavelmente com filmes como *Acto da Primavera*, *Mudar de Vida* (na sobrecapa) e *A Promessa*, que captaram poeticamente paisagens e costumes que pouco tempo depois começariam a desaparecer.

Uma das características distintivas destes movimentos de renovação foi precisamente a escolha de uma via artesanal em detrimento do cada vez mais presente caminho industrial, o que fez com que a arquitectura e o cinema portugueses ganhassem uma diversidade que valorizou a carga autoral, o que ainda hoje é uma das suas marcas identitárias. Os arquitectos reforçaram essa via artesanal quando se radicalizou a questão entre uma orientação comercial e uma linha assumidamente experimental, separando as águas entre escolhas que não eram já estritamente estilísticas mas essencialmente morais. De igual forma, os cineastas recusaram o sistema de estúdio, escolheram câmaras e gravadores de som portáteis, saíram para a rua com equipas diminutas e orçamentos reduzidos, e utilizaram actores com escassa ou nenhuma experiência. Aceitando estes condicionamentos como suporte do experimentalismo que estavam empenhados em trazer para o cinema português, retrataram de forma inovadora a vida quotidiana de um país amordaçado.

A nova geração não queria a continuidade de uma arquitectura ou de um cinema de eventual prestígio formal mas vazios de conteúdo. As suas obras, denotando a urgência de retratar o seu tempo e o seu espaço, quiseram romper com a moral, o estilo e as técnicas do passado. O que unia arquitectos e cineastas era, portanto, mais aquilo que recusavam do que o que se propunham fazer em conjunto. Por outro lado, apesar de fortemente politizados, não foi a partir de movimentos políticos organizados que experimentaram a mudança, mas antes através de uma intensa e comprometida prática individual. A ditadura fascista era o inimigo comum que garantia alguma unidade entre os cineastas e entre os arquitectos, todos politicamente do mesmo lado da barricada, mas ambos recusando unanimemente ser agrupados em categorias, não só políticas como também estéticas, criando assim objectos que não se sujeitavam a outras regras que não as suas. Não há, por isso, uma escola ou sequer uma estética comum, seja entre as obras de arquitectura ou entre os filmes sobejamente referidos nestas conversas, e cada caso se estabelece como um objecto original, representando uma experiência singular ou uma ruptura particular, sendo no seu conjunto que se constituem como força cultural.

Para o regime fascista, a arquitectura e o cinema não podiam exprimir as grandes dúvidas nacionais, e por isso os autores aqui ouvidos refugiaram-se na pesquisa autoral, na procura de uma ligação à experiência vivida, através da alusão, da metáfora, dos significados escondidos nas entrelinhas. Se muitos dos filmes e edifícios denotam uma ideia de oposição, é também verdade que nem o cinema nem a arquitectura deste período - *circa 1963* - se podem descrever como sendo estritamente de resistência, já que não há uma subordinação dos ideais estéticos às convicções políticas. Há antes uma crença na capacidade da arte em gerar pensamento sem necessidade de explicitar o sentido da mensagem, e foi nessa mudança de atitude perante o objecto artístico que se traduziu o seu empenho político. Ao não tornarem explícito nas obras que produziam a sua oposição à ditadura e ao defenderem a autonomia do seu trabalho enquanto arte, recusando simultaneamente submeter-se à indústria cinematográfica e imobiliária ou a ortodoxias políticas e estéticas, cineastas e arquitectos constituíram-se como grupos de forte influência, tomando gradualmente o poder na crítica, no ensino e na prática dos seus ofícios, ainda antes da sublevação que alteraria o curso da história do país. Os objectos que produziram foram o reflexo da transformação que atravessava a sociedade portuguesa, mas contribuíram de igual modo para que essa mutação se concretizasse, numa revolta que consistiu essencialmente numa mudança de natureza. E foi precisamente esta geração de arquitectos e cineastas aqui retratada em discurso directo, e os novos autores que com eles se identificam, que ocupou o palco até hoje, marcando indelevelmente a paisagem cultural em Portugal nos últimos sessenta anos.













BIOGRAFIAS

Alberto Seixas Santos (1936-2016). Frequentou o Curso de Ciências Histórico-Filosóficas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Estudou no Institut de Filmologie da Sorbonne e, no ano seguinte, na London Film School, com uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian. Professor na Escola Superior de Teatro e Cinema. Dirigente do ABC-Cineclube de Lisboa, fundador do Centro Português de Cinema e da Escola de Cinema do Conservatório Nacional. Da sua filmografia destacam-se *Brandos Costumes* (1975) e *Mal* (1999).

Alexandre Alves Costa (1939, Porto). Arquitecto pela Escola Superior de Belas Artes do Porto. Professor Catedrático Emérito da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Publicou os livros *Introdução ao Estudo da História da Arquitectura Portuguesa e Outros Textos* (2007); *Candidatura ao Prémio Jean Tschumi* (2005) e *Textos Datados* (2007). Da sua obra, em co-autoria com Sergio Fernandez e distinguida com o Prémio AICA/Ministério da Cultura, destacam-se a *Intervenção em Idanha-a-Velha*; a *Requalificação do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha*, em Coimbra, e a *Reabilitação do Cinema Batalha*, no Porto. A sua obra está publicada em revistas e no livro *Atelier 15* (2014). Agraciado com o grau de Grande-Oficial da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada.

Alfredo Matos Ferreira (1928-2015). Arquitecto pela Escola Superior de Belas Artes do Porto e Professor na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Trabalhou com Arménio Losa, Fernando Távora e Álvaro Siza. Publicou *Aspectos da Organização do Espaço Português* (1986). Da sua obra destacam-se a *Quinta de Joanamigo*, em Barca d'Alva; a *Operação SAAL Lapa*, no Porto; o *Departamento de Física da Universidade de Aveiro* e a *Residência de Estudantes do Instituto Politécnico de Viana de Castelo*, publicadas no livro *Memória* (2017).

Álvaro Siza (1933, Porto). Arquitecto pela Escola Superior de Belas Artes do Porto. Colaborou com Fernando Távora. Publicou os livros *Imaginar a evidência* (2000) e *01 Textos* (2009). Doutor *Honoris Causa* pelas Universidades de Valência, Lausanne, Palermo, Santander, Lima, Coimbra, Paraíba, Nápoles, Bucareste, Pavia, Buenos Aires, Lisboa, Aveiro, Sevilha, Milão, Granada e Évora. A sua vasta obra, com edifícios construídos em Portugal, Espanha, Brasil, França, Itália, Alemanha, Holanda, Coreia do Sul e China, está integralmente publicada em inúmeros livros e revistas da especialidade. Foi-lhe atribuído, entre muitos outros, o Prémio Pritzker, a Medalha de Ouro do Royal Institute of British Architects ou o Leão de Ouro da Bienal de Arquitectura de Veneza. Agraciado com o grau de Grande-Oficial pela Ordem Militar de Sant'Iago da Espada, com a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique e com a Grã-Cruz da Ordem da Instrução Pública.

António da Cunha Telles (1935, Funchal). Frequentou o curso de Medicina da Universidade de Lisboa. Realizador pelo Institut des Hautes Études Cinématographiques, com uma bolsa do Fundo de Cinema Nacional. Dirigiu o jornal *Imagens de Portugal*, foi responsável pelos serviços de cinema da Direcção-Geral do Ensino Primário e do Estúdio Universitário de Cinema Experimental. Foi uma das figuras centrais do Cinema Novo Português, primeiro como produtor de filmes como *Os Verdes Anos* (1963), de Paulo Rocha; *Belarmino* (1964), de Fernando Lopes e *Domingo à Tarde* (1966), de António de Macedo, e, mais tarde, como realizador de *O Cerco* (1969), *Meus Amigos* (1973) e *Continuar a Viver ou Os Índios da Meia Praia* (1976). Fundador da distribuidora Animatógrafo e administrador do Instituto Português de Cinema e da Tóbis Portuguesa. Da sua filmografia mais recente destacam-se *Pandora* (1996) e *Kiss Me* (2004).

António de Macedo (1931-2017). Arquitecto pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Professor em diversas universidades. Autor de *A Evolução Estética do Cinema* (1960). Co-fundador das cooperativas Centro Português de Cinema e Cinequanon. Da sua filmografia destacam-se *Domingo à Tarde* (1965), *Sete Balas para Selma* (1967), *A Promessa* (1972), *As Horas de Maria* (1976) e *Chá Forte com Limão* (1993). Recebeu o Prémio Sophia de Carreira, atribuído pela Academia Portuguesa de Cinema.

António-Pedro Vasconcelos (1939, Leiria). Frequentou a Faculdade Direito de Lisboa e o Institut de Filmologie da Sorbonne. Crítico de cinema e chefe de redação da revista *O Cinéfilo*. Professor na Escola de Cinema do Conservatório Nacional. A par da realização, foi produtor de cinema, tendo sido um dos fundadores da V. O. Filmes, da Opus Filmes e do Centro Português de Cinema. Da sua filmografia destacam-se *Perdido por Cem* (1973), *O Lugar do Morto* (1984), *Jaime* (1999) e *Os Gatos Não Têm Vertigens* (2013). Agraciado com o grau de Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique.

Fernando Lopes (1935-2012). Integrou o Cineclube Imagem. Quadro técnico da Rádio e Televisão de Portugal e, mais tarde, fundador e director da RTP2. Realizador pela London School of Film Technique, com uma bolsa do Fundo de Cinema Nacional. Professor no curso de Cinema da Escola Superior de Teatro e Cinema do Instituto Politécnico de Lisboa. Da sua filmografia destacam-se *Belarmino* (1964), *Uma Abelha na Chuva* (1971), *Crónica dos Bons Malandros* (1984), *O Fio do Horizonte* (1993), *O Delfim* (2002) e *Em Câmara Lenta* (2012). Agraciado com o grau de Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique.

Fernando Matos Silva (1940, Vila Viçosa). Frequentou a Faculdade de Economia de Lisboa. Realizador pela London Film School, com uma bolsa do Fundo de Cinema Nacional. Professor do Curso de Cinema do Exército. Realizador militar na Guiné e Angola. Membro fundador da Média Filmes, do Centro Português de Cinema, da Cinequipa e da Fábrica de Imagens. Da sua filmografia destaca-se *O Mal Amado* (1974) e *O Rapaz do Trapézio Voador* (2003).

José Fonseca e Costa (1933-2015). Frequentou a Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Membro da Direcção do Cineclube Imagem. Crítico de cinema nas revistas *Imagem* e *Seara Nova*. Em 1961, estagia com Michelangelo Antonioni na rodagem do filme *L'Eclisse*. Dirigente do Centro Português de Cinema e da Associação de Realizadores de Cinema e Audiovisuais. Da sua filmografia destacam-se *O Recado* (1972), *Kilas, o Mau da Fita* (1980), *Sem Sombra de Pecado* (1982), *Balada da Praia dos Cães* (1986) e *Cinco Dias, Cinco Noites* (1996). Agraciado com o grau de Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique.

Manoel de Oliveira (1908-2015). É o mais importante cineasta português. Frequentou a Escola de Actores fundada pelo realizador italiano Rino Lupo, no Porto, em 1928. Da sua extensa filmografia, com 32 longas-metragens e 17 médias e curtas-metragens, destacam-se *Douro, Faina Fluvial* (1931), *Aniki-Bobó* (1942), *Acto da Primavera* (1963), *A Caça* (1964), *O Passado e o Presente* (1972), *Amor de Perdição* (1979), *Non, ou a Vã Glória de Mandar* (1990), *Vale Abraão* (1993), *Porto da Minha Infância* (2001) e *O Estranho Caso de Angélica* (2010). Doutor *Honoris Causa* pelas Universidades do Porto (FAUP), Algarve e Trás-os-Montes e Alto Douro. Foram-lhe atribuídos, entre muitos outros, a Palma de Ouro do Festival de Cannes, o Leopardo de Honra do Festival de Locarno e o Leão de Ouro do Festival de Veneza. Distinguido pelo Estado Francês com o título de Grande-Oficial da Ordem Nacional da Legião de Honra. Em Portugal, foi agraciado com o grau de Comendador da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada, a Grã-Cruz da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada e a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique.

Manuel Vicente (1934-2013). Arquitecto pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, onde foi professor. Depois de trabalhar em Goa e Macau, estudou com Louis Kahn na Universidade da Pensilvânia. Vice-presidente da Ordem dos Arquitectos. Da sua obra, distinguida com o Prémio AICA/Ministério da Cultura, destacam-se o *Orfanato Helen Liang* e o *Conjunto Habitacional Fai Chi Kei*, em Macau; a *Casa Weinstein*, em Cascais; a *Operação SAAL Quinta do Bacalhau* e a *Casa dos Bicos*, em Lisboa, publicadas no livro *Manuel Vicente, Trama e Emoção* (2011). Agraciado com o grau de Grande-Oficial da Ordem de Mérito.

Nuno Portas (1934, Vila Viçosa). Arquitecto pela Escola Superior de Belas Artes do Porto. Professor Catedrático Emérito da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Doutor *Honoris Causa* pelo Politécnico de Milão e pelas Universidades de Aveiro e Minho. Tem inúmeras publicações, entre elas *A Habitação Social* (1959), *Arquitectura para Hoje* (1965) e *A Cidade como Arquitectura* (1969). Da sua obra construída destacam-se a *Igreja do Sagrado Coração de Jesus* e o *Conjunto Habitacional dos Olivais*, em Lisboa, em parceria com Nuno Teotónio Pereira, publicadas no livro *O Ser Urbano, Nos Caminhos de Nuno Portas* (2012). Recebeu o Prémio Sir Patrick Abercrombie de Urbanismo da União Internacional de Arquitectos (2005) e a Medalha de Mérito Cultural (2013). Agraciado com a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique.

Nuno Teotónio Pereira (1922-2016). Arquitecto pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Colaborou com Carlos Ramos. Fundador do Movimento para a Renovação da Arte Religiosa. Doutor *Honoris Causa* pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto e pela Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa. Publicou *Prédios e Vilas de Lisboa* (1995), *Tempos, lugares, pessoas* (1996) e *Escritos* (1996). Da sua obra, distinguida com o Prémio AICA/Ministério da Cultura e vários Prémios Valmor, destacam-se o *Bloco das Águas Livres*, o *Edifício Franjinhas* e a *Igreja do Sagrado Coração de Jesus*, em Lisboa, publicadas no livro *Arquitectura e Cidadania, Atelier Nuno Teotónio Pereira* (2004). Recebeu o Prémio Universidade de Lisboa e foi agraciado com a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade e a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique.

Raul Hestnes Ferreira (1931-2018). Arquitecto pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, tendo estudado nas Universidades do Porto, Helsínquia, Yale e Pensilvânia, com uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian. Na sua estadia nos Estados Unidos da América trabalhou no atelier de Louis Khan. Professor Catedrático convidado do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, leccionando também no ISCTE e no Departamento de Arquitectura da Universidade Lusófona. Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Coimbra. Da sua obra destacam-se a *Casa de Albarraque*, em Sintra; o *Museu de Évora*; o *Bairro FONSECAS/Calçada*, a *Escola Secundária de Benfica*, a *Faculdade de Farmácia* e o *Novo Edifício do ISCTE*, em Lisboa.

Sergio Fernandez (1937, Porto). Arquitecto pela Escola Superior de Belas Artes do Porto. Professor Emérito da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Colaborou com Viana de Lima e Arménio Losa. Leccionou nas Universidades de Roterdão, Amesterdão, Angola, Tbilisi, Helsínquia, São Paulo, Rio de Janeiro e Panamá. Publicou *Percurso da Arquitectura Portuguesa 1930-1974* (1985). Da sua obra destacam-se a *Vill'Alcina*, em Caminha; o *Bloco da Pasteleira*, no Porto; a *Operação SAAL Bairro do Leal* e, em co-autoria com Alexandre Alves Costa, a *Intervenção em Idanha-a-Velha*, a *Requalificação do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha*, em Coimbra, e a *Reabilitação do Cinema Batalha*, no Porto, publicadas em revistas e no livro *Atelier 15* (2014).





FONTES E CRÉDITOS DAS IMAGENS

Sobrecapa

Mudar de Vida, Paulo Rocha, 1967. Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema.

Interior

- pág.4 *Sete Balas para Selma*, António de Macedo, 1967. Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema.
- pág.5 Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Nuno Portas e Nuno Teotónio Pereira, Lisboa, 1967. Cedida por Nuno Grande.
- pág.6 Rodagem de *Belarmino*, Fernando Lopes, 1964. Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema.
- pág.10 Álvaro Siza, Fernando Távora, Alcino Soutinho, José Grade, Sergio Fernandez e Alexandre Alves Costa, Grécia, 1976.
- pág.12 Manoel de Oliveira na rodagem de *Amor de Perdição*, 1979. Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema.
- pág.20 Fernando Lopes na rodagem de *Belarmino*, 1964. Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema.
- pág.34 Nuno Portas, Tomar, 1967. Revista *Século Ilustrado*, nº 1565, Dezembro de 1967.
- pág.56 Sergio Fernandez, Espanha, 1971.
- pág.70 Manuel Vicente na construção da Casa Weinstein, Cascais, 1974. Cedida por Manuel Graça Dias.
- pág.84 Alfredo Matos Ferreira, 1960. Cedida por Manuel Mendes.
- pág.90 Fernando Matos Silva, década de 1960.
- pág.104 António de Macedo na rodagem de *Domingo à Tarde*, 1965. Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema.
- pág.124 Raul Hestnes Ferreira, Finlândia, 1958.
- pág.136 António-Pedro Vasconcelos na rodagem de *Perdido por Cem*, 1973.
- pág.148 Alberto Seixas Santos, década de 1960.
- pág.156 José Fonseca e Costa na rodagem de *O Recado*, 1971. Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema.
- pág.172 Nuno Portas e Nuno Teotónio Pereira, Lisboa, 1957. Cedida por Nuno Grande.
- pág.182 Alexandre Alves Costa, Peroguarda, Alentejo, década de 1960. Cedida pelo próprio.
- pág.198 Álvaro Siza, Marrocos, 1967.
- pág.212 António da Cunha Telles, década de 60. Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema.
- pág.230 Casa de Albarraque, Raul Hestnes Ferreira, Sintra, 1960.
- pág.231 *O Cerco*, António da Cunha Telles, 1970. Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema.
- pág.232 Casa Beires, Álvaro Siza, Póvoa de Varzim, 1976.
- pág.236 José Fonseca e Costa na rodagem de *O Recado*, 1971. Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema.

FICHA TÉCNICA

Coordenação: Luis Urbano

Produção: Projecto de investigação *Ruptura Silenciosa. Intersecções entre a Arquitectura e o Cinema. Portugal 1960-1974* (FCT: PTDC/EAT-EAT/105484/2008) e grupo de investigação *Arquitetura: Teoria, Projeto, História* (ATPH) do Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo (CEAU) da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP).

Edição: AMDJAC

Revisão: Isabel Rodrigues, Luis Urbano, Maria Novo

Conceito gráfico: Ana Palma Silva, Ana Resende

Capa e paginação: Maria Novo

Impressão: Sersilito - Empresa gráfica, Lda.

ISBN: 978-989-98494-5-7

Depósito Legal: 438190/18

Porto, 2018

© Dos textos: Os autores

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida por processo mecânico, electrónico ou outro, sem autorização dos autores.

Trabalho cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 - Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e por fundos nacionais através da FCT, no âmbito do projeto POCI-01-0145-FEDER-007744.

www.jackbackpack.org



